



# AÇÃO E LINGUAGEM EM HANNAH ARENDT

*Profa. Ms. Raphaela Cândido Lacerda\**  
*Lara França da Rocha\*\**

## **Resumo**

Aborda a temática da política, à luz do pensamento da teórica alemã Hannah Arendt, relacionando dois termos do título. Por um lado, tomaremos a ação como o eixo a partir do qual se pensa a política na autora, assumindo as bases essenciais da pluralidade e da visibilidade. Tomaremos este primeiro conceito como base para a investigação sobre a convivência humana. Por fim, tentaremos recuperar as indicações arendthianas da construção dos requisitos que auxiliem na realização da ação livre, expondo a relação direta que esta tem com a linguagem, como condição de possibilidade para um convívio humano que se baseie numa igualdade relativa, mas sempre valorizando a diversidade e a singularidade que torna cada um de nós seres misteriosamente únicos e aptos para o encontro e a construção de um mundo em comum com aqueles que coabitam o planeta conosco.

## **Palavras-chave**

Filosofia Política. Hannah Arendt. Ação. Linguagem.

## **Abstract**

This study deals with politics, in the light of the thought of the German theorist Hannah Arendt, relationating the two terms of the title. On one hand, we'll take action as the axis from which the author thinks politics, assuming the essential bases of plurality and visibility. We'll take this first concept as a basis for research on human coexistence. Finally, we will try to recover the Arendian indications of the construction of the requirements that help the accomplishment of the free action, exposing the direct relation that it has with the language, as condition of possibility for a human conviviality that is based on a relative equality, but was valuing the diversity and the uniqueness that makes each of us mysteriously unique and apt to meet and build a world in common with those who cohabit the planet with us.

## **Keywords**

Political Philosophy. Hanna Arendt. Action. Language.

## 1 Introdução

Na busca pela compreensão do que possibilitam a convivência e a organização humanas e acerca da construção da coisa pública, deparamos, invariavelmente, a política. Delimitando a análise por nós empreendida neste artigo com suporte em fenômenos que culminaram com as duas Grandes Guerras, encontramos uma realidade insípida e desafiadora para o seu entendimento. Ao passo que as categorias de pensamento filosóficas em curso não mais davam conta dos acontecimentos do século XX, tornou-se um imperativo analisar e repensar o modo como nos organizamos, porquanto os rumos tomados por nossas associações e dispositivos na contemporaneidade mais representam uma ameaça do que uma segurança à vida no Planeta.

Adotando esse contexto como ponto de partida, a Teórica alemã<sup>1</sup> buscou um entendimento acerca da Política, tomando como base para esta o conceito de ação. Percebendo que os homens desde sempre se estabeleceram em busca de equiparar o máximo possível as diferenças geradas pelo fato de sermos distintos uns dos outros, em adição à ideia de ser urgente a necessidade de reaver o sentido do homem e da Política, após os desdobramentos do século XX, compreende-se que é na capacidade de empreender o novo que a Pensadora sabe construir a sua teoria acerca do objeto por nós aqui expresso.

É impossível agir sem nos utilizar das palavras, até porque é por meio do convívio com os outros que a ação se torna necessária e as palavras imprescindíveis para dividirmos o mundo em comum com os circunstantes. Sobre essa convivência e a coexistência no mundo comum, Arendt nos fala: “homens, e não o Homem vivem na Terra e habitam o mundo”.<sup>2</sup>

Com origem no desafio que a experiência das guerras e do sistema totalitário impôs à Contemporaneidade, acerca da urgência em repensar os rumos que a Política, de modo cambaleante, nos levou, a Teórica busca nos homens e nas suas relações o *modus operandi* que poderia nos salvar

---

<sup>1</sup> Hannah Arendt se esquivava da definição de que seria uma filósofa. Ela mesma e definia como teórica política. Cf. ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. Tradução de Helena Martins et. al. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1993. p. 123.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009. p. 15.

dos rumos desastrosos que ameaçam, não somente, a nossa convivência, mas, também, a sobrevivência de todas as modalidades de vida.

A fim de empreendermos uma passagem sobre o caminho que Hannah Arendt trilhou investigando o sentido e o significado da política, começaremos definindo a ideia de ação.

## 2 O conceito de ação

Arendt interessou-se pela política com esteio das observações e da vivência do fenômeno totalitário.<sup>3</sup> Divergindo de outros pensadores políticos, que estudam a coisa pública desde uma perspectiva da organização ideal e da fundamentação dos Estados, a Pensadora tedesca parte do conceito de ação para buscar a compreensão do que seriam as organizações da convivência humana<sup>4</sup>.

Em sua obra **A condição humana**, ela descreve em que consiste a atividade fundamentalmente ligada à Política:

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade [...]. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda a vida política.<sup>5</sup>

Desse modo, a condição de possibilidade para a existência da ação é a pluralidade. É o fato de dividirmos o mundo com nossos iguais que nos possibilita agir. Não podemos, porém, deixar de atentar para o fato de que somos semelhantes; desse modo, podemos nos entender. Por outro lado, somos diferentes, necessitando de meios pelos quais possamos nos fazer apreender uns aos outros. A teórica política nos fala: “Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si [...]. Se não fossem diferentes os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender”<sup>6</sup>. É a existência do outro e do mundo em comum que impele o indivíduo a *agere*.

---

<sup>3</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. pp. 125-126.

<sup>4</sup> AGUIAR, O, et. al. (Orgs.). **Filosofia política contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. pp. 12-16.

<sup>5</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. p. 15.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 188.

A Pensadora hanoveriana nos brinda, na mesma obra, com outra definição do conceito por nós aqui esmiuçado:

Agir no sentido mais geral do termo significa tomar a iniciativa, iniciar (como o indica a palavra grega *archein*, começar, ser o primeiro e, em alguns casos governar), imprimir movimento a alguma coisa (que é o significado original do termo latino *agere*). Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir.<sup>7</sup>

Desse modo, o fato de cada um de nós ser um sujeito totalmente único nos torna um mundo absolutamente novo chegando ao Planeta no momento de nosso nascimento biológico. Agir e começar configuram-se como a mesma coisa. Essa novidade nos torna iniciadores por essência e essa capacidade de fazer o novo e o inesperado está constituintemente em cada ser humano. A capacidade de agir corresponde à nossa habilidade para empreender. Assim, cada um de nós traz em si a habilidade da ação, pois: *Initium ut esset homo creatus est* – ‘o homem foi criado para que houvesse um começo’, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós.”<sup>8</sup>

É com início na capacidade de agir que os humanos podem constituir a história e fundar as suas organizações e os corpos políticos. Ora, se a ação que possibilita a criação e o desenvolvimento dos meios que criamos para nos organizar como pessoas plurais, é esta a raiz da política e, consequentemente, de todo e qualquer caminhar acerca de seu entendimento. “Através da ação, os homens fundam espaços em que são reconhecidos como seres capazes de agir livremente, sem o constrangimento de outros ou da natureza”<sup>9</sup>.

Se há ação, no entanto, há também um agente desta, um realizador, ou como vimos anteriormente, nas palavras da própria pensadora, um iniciador. Acerca da importância da revelação de um “quem” realizador da ação, a autora de **As Origens do Totalitarismo** nos fala: “Sem a revelação do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>8</sup> ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004. p. 531.

<sup>9</sup> AGUIAR, Odílio Alves. Política e Finitude em Hannah Arendt. In: **Filosofia política contemporânea**. p. 113.

um fim. [...] Desprovida de um nome, de um quem a ela associado, a ação perde todo o seu sentido”<sup>10</sup>. Sobre este fato, Aguiar elucida:

A ação em Arendt remete a um conteúdo ético inalienável: ela revela um agente. Nela o homem manifesta-se como um iniciador, um ser ativo. No lugar de um resultado, um “o que”, como estamos acostumados a avaliar os planos de ações governamentais, a ação política revela um “quem”, uma pessoa. A importância política da ação está no fato de, através dela, o mundo vir à tona. A beleza dos grandes feitos e dos belos discursos está justamente na capacidade de fundação que eles portam. A ação política, assim pensada, é dotada de uma grandeza e dignidade que em nada é comparável ao fechamento e passividade do homem contemporâneo cujo único empenho se restringe a ganhar a vida e a consumir. Através da ação, surge um abrigo, a esfera pública, que obsta e resiste à funcionalização inerente ao processo vital que tende a devorar as pessoas, naturalizando-as, implantando o reino dos mais fortes, a violência enfim.<sup>11</sup>

Se é com base no fato de que até mesmo nosso nascimento biológico nos apresenta a um espaço em comum preexistente, no qual somos impelidos a agir, não podemos deixar de considerar o fato de que é por meio da linguagem, vinculada à ação, que podemos nos fazer entender e registrar os nossos atos, que acabariam caindo no esquecimento de nossa frágil memória caso não tivéssemos a possibilidade de registrá-los, perpetuando-os através do tempo.

## 2.1 A Linguagem relacionada à Ação

Se analisarmos os possibilitantes da ação, o fato de que nascemos para um mundo no qual temos a capacidade para modificá-lo, como também de que outros também nasceram e também são eles iniciadores por natureza, percebemos que é impossível apreender a ação desacompanhada da linguagem. Segundo Hannah Arendt,

Desacompanhada do discurso, a ação perderia não só o seu caráter revelador como, pelo mesmo motivo, o seu sujeito [...]. Sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. A ação que ele inicia é humanamente revelada através de palavras; e, embora o ato possa ser percebido em sua manifestação física bruta, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante através da palavra falada na qual o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. p. 193.

<sup>11</sup> AGUIAR, O. Política e Finitude em Hannah Arendt. In: **Filosofia política contemporânea**. p. 112.

<sup>12</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. p. 191.

O sujeito que age no espaço de aparência<sup>13</sup> necessita das palavras para se comunicar com os demais. “Nem o labor nem a fabricação requerem a exibição da própria atividade; somente a ação e a fala necessitam de um espaço da aparência – bem como de pessoas que vejam e ouçam – para se realizarem efetivamente”<sup>14</sup>. Chega a ser uma contradição termos uma ação que não seja acompanhada de *logos*; caso isso acontecesse, esta estaria reduzida, comparativamente, a uma simples reação mecânica. Já que dividimos o mundo com outros, que são nossos iguais, mas também diferentes de nós, precisamos de um recurso especificamente humano para nos relacionar com eles. “Esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão *com* outras, isto é, no simples gozo da convivência humana”.<sup>15</sup> Desse modo, o discurso, impreterivelmente, vem acompanhado da ação. Esta precisa se manifestar para realmente acontecer, para revelar seu agente e também a fim de que o seu caráter transformador possa ser exposto. “Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano”.<sup>16</sup>

Esse mundo humano nos é revelado na convivência. Assim, Arendt nos fala: “É através de palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular de nosso aparecimento original”.<sup>17</sup>

Para a autora, conforme pudemos perceber há pouco, é como se, com suporte na ideia de dividirmos o Planeta, ou seja, desde a pluralidade, nascemos duas vezes. O primeiro nascimento é o biológico, o momento em que nós, recém-chegados à Terra e ao legado deixado pelos nossos antepassados, aparecemos inicialmente. O segundo nascimento a que a Teórica se refere é a ocasião em que nos damos conta de que fazemos parte do mundo humano, que por isso temos que conviver do modo mais ético e também responsável possível e que a responsabilidade por esse espaço comum também é nossa.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. pp. 59-61; 211.

<sup>14</sup> ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. Tradução de Antônio Abranches e César Augusto de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Rêlume-Dumará, 1992. p. 57.

<sup>15</sup> ARENDT, Hannah. **A condição humana**. p. 192.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 192.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 189.

<sup>18</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. p. 221-247.

Não podemos olvidar, porém, de que a linguagem não faz parte apenas da dimensão constituinte da ação. Na faculdade do pensar, a linguagem está intrinsecamente relacionada a esta atividade do espírito, porquanto, nas palavras de Hannah Arendt, [...] “o pensar é o diálogo sem som de mim comigo mesmo”<sup>19</sup>. Sendo dialógico, decorre da linguagem a ideia de que não somente nos comunicamos com os demais, mas também conosco. Por isso, a Filosofia Alemã nos fala ainda que “[...] nosso espírito que exige o discurso”<sup>20</sup>, e que “não há possibilidade de existir um pensamento não-discursivo”<sup>21</sup>

Desse modo, além de ser *conditio sine qua non* da ação, a linguagem está na constituição do pensamento humano. Se este é o diálogo silencioso de mim comigo mesmo<sup>22</sup>, é através do *logos* que me comunico com o meu outro eu e com os outros. Além disso, é em correlação com o *agere* que tecemos as linhas da história, que constituímos o mundo comum e que nos tornamos realmente o que somos: humanos.

### 3 Considerações Finais

Na nossa caminhada sobre a teoria política arendthiana, invariavelmente deparamos a ação como a base de seu pensamento. Contemplar os modelos ideais de organização estatal e de legislação já não mais bastava para salvar a Política de sua total degeneração e a vida no Planeta de seu extermínio. A réplica que a Pensadora encontrou, em contraposição aos desafios que o século XX impôs, está fundamentalmente ligada ao que nos torna demasiadamente humanos.

Nossa capacidade de atuar sobre o mundo e a relação desta com a linguagem, fonte do pensamento e aliada do *agere*, formam a base de uma teoria política que se volta para o próprio homem em busca de evitar que as catástrofes da primeira metade do século passado se repitam.

O homem é um iniciador num espaço preexistente. Em primeiro lugar ele é recém-chegado e, posteriormente, tomando parte de sua responsabilidade com o mundo, o ser humano passa a sua vida sendo impelido, motivado a atuar sobre o que o cerca. As consequências de tal

---

<sup>19</sup> ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito**. p. 59.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>22</sup> Hannah Arendt buscou em Platão a sua definição do pensamento como o diálogo silencioso de mim comigo mesmo, ou da alma com ela mesma. Cf. PLATÃO. **Teeteto – Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. p. 108.

ação restam imprevisíveis, pois ela é, em si, uma novidade, um começo. Com efeito, o homem é o único animal que possui a capacidade de ir além de todas as probabilidades, de se reinventar a cada instante. Assim, podemos perceber que agir e ser livre configuram-se na mesma coisa.

Arendt não nos fornece respostas prontas, no entanto, longe disso. Incita-nos a percorrer o caminho constante da compreensão, porém, sem corrimão, o que significa, para ela, sem nos prendermos somente ao olhar da tradição<sup>23</sup>. Se o homem é em si um iniciador e também responsável pelo mundo comum, que tomemos parte em nosso segundo nascimento<sup>24</sup> para que consigamos, ao menos, perceber que em cada homem, em cada um de nós, reside o contragolpe mais eficaz contra o “fardo de nosso tempo”.

### Referências Bibliográficas

OLIVEIRA Manfredo; AGUIAR, Odílio A; SAHD, Luiz I. N.A.S.A. (Orgs.). **Filosofia política contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **A dignidade da política**. Tradução de Helena Martins et. al. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Vida do Espírito**. Tradução de Antônio Abranches e César Augusto de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ARENDDT, Hanna. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

FRY, Karin. **Compreender Hannah Arendt**. Tradução de Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

---

<sup>23</sup> Cf. FRY, Karin. **Compreender Hannah Arendt**. Tradução de Paulo Ferreira Valério. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 159.

<sup>24</sup> Cf. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. p. 189.

PLATÃO. **Teeteto – Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

*\*Profa. Ms. Raphaela Cândido Lacerda*

Mestra em Filosofia e professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.  
Contato: mandarinrb@yahoo.com.br

*\*\*Lara França da Rocha*

Graduanda em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.  
Contato: larafir87@gmail.com